

FILIPENSES 2,6-11: ponto de partida para chegar ao *considerar* de Cristo Jesus e de Paulo como proposta para o agir do cristão

Antônio César Seganfredo*

*Prof. de Sagrada
Escritura no ITESP.

Resumo:

Seganfredo analisa o hino cristológico da carta aos Filipenses, destacando os elementos significativos de cada versículo, argumentando seu caráter pré-paulino e apresentando as possíveis influências que levaram à sua redação atual. Em seguida, e esta é a novidade do artigo, realiza uma reflexão teológico-bíblica seguindo o uso que Paulo faz do verbo *considerar*, para propor o seguinte percurso: o *considerar* de Cristo Jesus e de Paulo como proposta para o agir – o *considerar* – do cristão.

Palavras-chave: Carta aos Filipenses; Hinos Cristológicos; *Considerar*

Abstract: Seganfredo in his study of the Philippians Letter Christological Hymn, highlights the most meaningful elements in each verse. He argues some of its pre-Paul features and presents the possible influences that lead to the now-a-day text. In the next step, and this is the new in this essay, he deals with the biblical and theological reflexion on the Paul use of the verb *hēgēomai*, in order to build up a way from the Christ Jesus and Paul *consider* as an action proposal to the Christian *consider*.

Key words: Letter to the Philippians; Christological Hymns; *Consider*

Introdução

⁶ *Cristo Jesus, existindo em forma divina, não considerou uma usurpação o ser igual a Deus.*

⁷ *Mas, esvaziou-se, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante aos seres humanos; e, sendo encontrado em aspecto como homem,⁸ humilhou-se, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz.*

⁹ *Por isso Deus também o exaltou sobremodo e agraciou-o com o nome (que está) acima de todo nome,*

¹⁰ *de modo que ao nome de Jesus todo joelho dobre: os do céu, os da terra e os do subterrâneo,*

¹¹ *e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus Pai.¹*

¹ Tradução minha, bastante literal.

Nesse artigo começarei estudando o hino cristológico da Carta aos Filipenses para, a partir dele, mas particularmente seguindo o uso que Paulo faz do verbo *hēgéomai* (considerar), realizar uma proposta de interpretação do modo de considerar de Jesus e de Paulo como exemplo para o agir – o considerar – do cristão.²

² Dedico este artigo ao amigo Tranqüilo Bonamico, que nas suas andanças tem proclamado o senhorio de Cristo Jesus.

Na primeira parte estudarei Fl 2,6-11, procurando evidenciar os elementos significativos de cada versículo, argumentando em seguida seu caráter pré-paulino e a origem das influências que levaram à sua composição. Até este ponto não pretendo nenhuma novidade; limitar-me-ei a apresentar os elementos mais significativos das questões levantadas. Prosseguindo, na segunda parte, pretendo realizar uma reflexão teológico-bíblica, como dito acima, seguindo o uso do verbo *hēgéomai* na Carta aos Filipenses. Neste último ponto está a novidade do artigo!

1. O HINO CRISTOLÓGICO: FL 2,6-11

Começo percorrendo cada um dos versículos do hino, de modo a destacar seus elementos significativos. O versículo 5 do segundo capítulo da Carta aos Filipenses, no entanto, serve como *ponte* entre o que precede e o que segue, isto é, entre as exortações que Paulo dirige à comunidade, em vista da comunhão (vv. 1-4) e o hino cristológico que segue (vv. 6-11): *Isto senti entre vós, (sentimentos) os quais também houve em Cristo Jesus. O isto senti está correlacionado com o que segue, isto é, com o sentir – com o considerar – de Jesus Cristo. O entre vós, porém, liga o versículo a quanto precede.*

De fato, o exemplo que vem em seguida deve iluminar as exortações que Paulo acabou de fazer. É preferível traduzir *entre vós* - e não *em vós* - primeiramente pelo caráter transitivo do verbo *fronéō* (sentir) e, sobretudo, porque está em jogo o comportamento recíproco.³ Todavia, o indivíduo não desaparece no nós da comunidade. O convite a ter os mesmos sentimentos *en Christō Iēsoū* (em Cristo Jesus) está fundamentado na relação pessoal entre o indivíduo e Cristo, que se estabelece no batismo que o insere na comunidade cristã. *Para Paulo o indivíduo não se dissolve no seu relacionamento eclesiológico, mas é constituído, exatamente, também nesse relacionamento na qualidade de indivíduo frente a Deus.*⁴

O hino cristológico que segue constitui uma unidade. Provavelmente Paulo não compôs o hino especialmente para esta carta, como argumentarei mais adiante (1.1), mas já o encontrou em contexto litúrgico. Mesmo assim, o hino foi acrescentado muito bem no contexto. Um dos elementos importantes, nesse sentido, e para exemplificar, é a ligação entre os vv. 3 e 8 através do tema da humildade (*tapeinōō – tapeinofrosúnē*). No v. 3 os cristãos são convidados a uma atitude de humildade; no v. 8 Jesus Cristo aparece como exemplo, porque ele humilhou-se. Gnilka insiste que a função do hino cristológico não é apresentar Jesus Cristo como exemplo para a comunidade (*imitatio Christi*), mas, antes, Paulo o apresenta em função de evento soteriológico acontecido para a salvação dos homens. Creio, todavia, como veremos depois (segunda parte), que o elemento exemplar não deve ser excluído; aliás, é muito importante.

Para facilitar a compreensão do hino é melhor dividi-lo em duas partes, considerando a conjunção *dió* (por isso) como sinal fundamental da divisão bipartite. A primeira parte podemos intitular *humilhação*; a segunda, *exaltação*.⁵

O v. 6, com o qual é iniciado o hino cristológico diz: *o qual* (Cristo Jesus), *existindo em forma divina, não considerou uma usurpação o ser igual a Deus. A morfē[i] Theoū* - forma divina, possuída por Jesus Cristo, não fala de um status ou posição que ele teria talvez conquistado: *é o modo de existir que plasma o ser em sua essência*.⁶

Assim, no versículo seguinte, onde é afirmado que Jesus Cristo assumiu a forma de servo, também deveremos interpretar que ele assumiu a condição humana em seu modo de existir, isto é, em sua essência. Em outras palavras, nos dois casos não há nem uma conquista de um status nem uma aparência (docetismo); há um modo constitutivo (que faz parte da constituição) de existir.

³ Cf. J. GNILKA, *La lettera ai Filippesi*. Brescia, Paideia, 1972, p.197.

⁴ Cf. W. THÜSING. *Per Christum in Deum: Studien Zum Verhältnis von Christozentrik und Theozentrik in den Paulinischen Hauptbriefen*. Münster, Verlag Aschendorff, 1965, p. 200.

⁵ Idem, p. 202.

⁶ Idem, p. 205.

⁷ Cf. C. RUSCONI, *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, São Paulo, Paulus, 2003, p. 78.

⁸ Cf. J. GNILKA, op. cit., p. 209.

⁹ Para a análise que desenvolverei mais adiante (segunda parte) é central a presença nesse versículo do verbo *hēgéomai* (considero), precedido da negação, isto é, *não considerou*.

¹⁰ O substantivo feminino *kénōsis*, que no português traduzimos com o substantivo masculino esvaziamento, não é usado no NT. No v. 7 temos o verbo *kenōō*, no aoristo do indicativo = esvaziou. Aqui se trata, porém, do significado, que permanece inalterado.

¹¹ Cf. J. GNILKA, op. cit., p. 211.

¹² Cf. J. JERVELL, *Imago Dei*. Idem, pp. 213-14.

Continuando, traduzi com o termo *usurpação* o substantivo *harpagmós* (objeto de rapina)⁷. Tratar-se-ia de uma atitude diferente daquela de Adão e Eva no paraíso, que ao contrário desejaram ser como Deus (*seréis como deuses* Gn 3,5 - LXX)? Mas, nesse caso, estaríamos no âmbito de algo conquistado, e não de algo pertencente ao modo de ser/essência. Diversamente, trata-se não de algo que Jesus Cristo não possuía, mas de algo que ele possuía, mas ao qual não apegou-se em modo ávido, isto é, ao ser *ísa Theō[i]* - igual a Deus. Sendo assim, *o ser igual a Deus* equivale ao *'existindo em forma divina'*.⁸ *Trata-se em ambos os casos, fundamentalmente, da mesma coisa, só que agora não é de fato sublinhado o modo de existir, mas a posição.*⁹

Os vv. 7-8 apresentam a consequência de Jesus Cristo não se ter apegado avidamente ao seu modo de ser: ⁷ *Mas, esvaziou-se, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante aos seres humanos; e, sendo encontrado em aspecto como homem,* ⁸ *humilhou-se, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz.* Se mudássemos a subdivisão dos versículos, provavelmente seria conveniente iniciar o v. 8 onde colocamos o ponto e vírgula (;), visto que, quanto segue, faz parte da frase presente no v. seguinte. As primeiras três expressões referem-se à encarnação (v.7), as demais à existência terrena (v.8).

A *kénōsis* - o esvaziamento de Jesus Cristo de sua forma divina - é um ato livre.¹⁰ Isto fica claro pelo uso do pronome reflexivo *heautón* (si mesmo). Trata-se do evento da encarnação. O hino, porém, é importante sublinhar, *não se preocupa em discutir a questão das 'naturezas' de Cristo, no sentido da dogmática posterior, mas quer exprimir a encarnação do ser divino.*¹¹ Coloca-se aqui, todavia, o problema da continuidade. Esvaziando-se da forma divina Jesus Cristo a deixou? Ele a perdeu? O texto da perícopes, na verdade, não se coloca este problema. A pergunta pela continuidade é posterior e pertence à especulação. O versículo simplesmente apresenta algo similar ao que 2Cor 8,9 exprime no seguinte modo: *conheceis, de fato, a graça do Senhor nosso, Jesus Cristo, que por vós tornou-se pobre, sendo rico, para que vós, por essa pobreza, vos tornásseis ricos.*

O esvaziamento de Cristo Jesus, significativamente, é dito em relação ao assumir a forma - *morfē* - de servo, e não primeiramente a forma humana. Provavelmente Paulo realça aqui *a servidão da humanidade sob as potências desse mundo*,¹² como também o faz o quarto evangelista quando, ao invés de dizer que *a palavra se fez homem*, prefere subli-

nhar que *a palavra se fez carne* (Jo 1,14; cf. Rm 8,3). Cristo Jesus não assumiu simplesmente a humanidade, mas a humanidade com toda a carga de servidão que a caracterizava. Todavia, imediatamente é especificado que a forma assumida por Cristo Jesus é a humana. O prosseguimento do versículo traz o substantivo *homōioma* (semelhante), que poderia fazer-nos desconfiar de uma realidade aparente da encarnação (docetismo). Não é a isto que Paulo se refere. Podemos então nos perguntar porque ele diz *tornando-se semelhante aos seres humanos*. Há objetivamente uma diferença na identidade: Cristo Jesus, assumindo a *morfê* humana, provém da *morfê* divina e presta a Deus aquela obediência que os humanos não prestam.¹³ Não obstante, traduzir *homōioma* com *semelhante* não impede, segundo a argumentação precedente, de entender que Cristo Jesus, esvaziando-se, assumiu a forma humana, isto é, tornou-se igual aos seres humanos. Nesse sentido, o final do v. 7 pode funcionar como paralelismo sintético (*anthrōpōn – ánthrōpos; genómenos – heuretheis*).

Como relevamos acima, com a conjunção *kai* (e) tem início uma nova frase. Essa conjunção, na verdade, liga diretamente os verbos *kenōō* e *tapeinōō* (esvaziou-se e humilhou-se). A expressão *sendo encontrado em aspecto como homem*, nesse sentido, embora possa funcionar como paralelismo sintético em relação à frase anterior, na presente frase funciona especialmente como uma retomada que esclarece ulteriormente em que modo Cristo Jesus humilhou-se, embora quanto segue complete o significado dessa humilhação, isto é, através da obediência: *tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz*. Esses aspectos, isto é, o esvaziamento e a humilhação que culminam na obediência até o fim, têm aqui uma particular relevância do ponto de vista ético: Cristo Jesus torna-se protótipo e exemplo para o cristão (conforme mais adiante, na segunda parte). Nesse sentido, a obediência até a morte significa o extremo sim na via percorrida desde que houve o esvaziamento. Gnilka nota que, nessa perspectiva, *a morte desse ser não é vista em si como um aspecto salvífico, mas como o ponto mais profundo de uma via humana percorrida na obediência*.¹⁴ Todavia, o versículo é completado com a especificação *e morte de cruz*. Reconhecendo no presente hino cristológico um hino pré-paulino, essa especificação, da parte de Paulo, teria sido acrescentada justamente para apresentar o caráter salvífico da morte de cruz, segundo a teologia paulina, diversa da teologia do hino pré-paulino (cf. 1.1). A morte de Jesus é sim um ato **exemplar de extrema obediência**, mas vai muito além da exemplaridade, acrescenta

¹³ Cf. E. SCHWEIZER, *Erniedrigung und Erhöhung bei Jesus und seinen Nachfolgern*. Zürich, Zwingli Verlag, 1962, p. 215.

¹⁴ Cf. E. LOHMEYER, *Kyrios Jesus. Eine Untersuchung zu Philipper 2,5-11*. Heidelberg, 1928, p. 219. Lohmeyer comenta que “a morte divina passou através de três reinos: o celeste, o terreno e o subterrâneo; o ‘filho do homem fez parte de três regiões: em forma divina, em forma de servo e na morte” (nota 89). Essa observação de Lohmeyer é sugestiva, pois no v.10 ao nome de Jesus devem dobrar-se todos os joelhos: no céu, na terra e no subterrâneo. Embora seja uma observação sugestiva, parece-me que não encontra apoio na intenção do autor do hino.

¹⁵ Idem, p. 220.

¹⁶ Cf. C. RUSCONI, op. cit., p. 133.

¹⁷ Para essas informações filológicas, idem, p. 470.

¹⁸ Cf. J. GNILKA, op. cit., p. 221.

¹⁹ Idem, p. 222.

²⁰ Idem, p. 222.

Paulo: é uma morte salvífica! De fato, *na literatura paulina e deuteropaulina a cruz significa sempre o movimento salvífico da morte de Jesus*.¹⁵

Passando para a segunda parte do hino, a exaltação (vv. 9-11), começamos com o v.9: *Por isso Deus também o exaltou sobremodo e agraciou-o com o nome* (que está) *acima de todo nome*. Como podemos perceber há uma mudança de sujeito. Até aqui o sujeito gramatical foi Cristo Jesus, com a sua ação de esvaziamento e humilhação, até o fim; agora o sujeito passa a ser o próprio Deus. Todavia, a conjunção *διὸ* (por essa razão, por isso, portanto)¹⁶ não deixa dúvida sobre a relação causal entre a primeira e a segunda parte do hino. Assim, o verbo *charízomai*, que traduzi com *agraciou*, não se refere a um ato puramente gratuito da parte de Deus, mas é a resposta à obediência de Cristo Jesus, manifestada concretamente até o fim. Deus o exaltou sobremodo! Por duas vezes, de fato, Paulo utiliza a preposição *hupér*: no primeiro caso, em composição, formando o verbo *huperupsóō* (exaltar sobremodo, exaltar em grau máximo, super-exaltar), indicando, em relação ao verbo base, excesso, superação; no segundo caso, com o acusativo, também com o sentido de excesso, excelência, de modo que pode ser traduzida, junto com o substantivo, com *acima de todo nome* ou *além de todo nome*.¹⁷ A importância dessa exaltação ímpar comprova-se pelo fato de que na LXX o verbo *huperupsóō* é reservado para Jahvé.¹⁸ Além da exaltação, porém, há o aspecto significativo da atribuição do nome, que conforme o v.11 trata-se de *kúrios* (Senhor). Na antiguidade, e com muita força na tradição semítica, o nome *é uma parte da natureza da personalidade nomeada, partícipe da sua propriedade e energias*.¹⁹ Juntando esses dois aspectos, isto é, a exaltação e a atribuição do nome, temos dois atos que correspondem ao ritual da proclamação e apresentação de um novo soberano.²⁰

Os vv. 10-11, com a conjunção *hína* mais o subjuntivo aoristo, apresentam o significado do ter sido superexaltado e agraciado com o nome: *de modo que ao nome de Jesus todo joelho dobre: os do céu, os da terra e os do subterrâneo, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus Pai*.²¹ Pode-se reconhecer no versículo 10 a semelhança com Isaías 45,23 (LXX): *Por mim mesmo juro e sairá da minha boca justiça; as minhas palavras não retornarão: a mim dobrar-se-á todo joelho e confessará toda língua a Deus*. No entanto, enquanto o contexto do dêutero-Isaías sublinhava a função de juiz do soberano e a universalidade da salvação, o contexto do nosso hino vai além e é sublinhado que

a vitória de Jesus estende-se a todas as potências do cosmo, antes inimigas de Deus. *A homenagem das potências é, pois, qualificada como submissão e, o início da soberania do novo Senhor, é qualificado como mudança de domínio. No lugar das potências que mantém o mundo na escravidão subentrou um novo 'cosmocrátor': aqueles que até agora dominaram devem se inclinar diante daquele que quebrou seu senhorio.*²¹

²¹ Idem, p. 225.

O senhorio de Jesus Cristo estende-se ao mundo; não apenas à comunidade cristã, embora seja esta a reconhecê-lo abertamente como *kúrios* (Senhor). E as potências cósmicas, já reconheceram o Senhor, ou a sua confissão tem caráter escatológico? Ora, *a aclamação constitui um ato indivisível da entronização do soberano.*²² Assim, à exaltação e atribuição do nome, segue necessariamente a *proskúnēsis* (ajoelhar-se) e a *exomolōgēsis* (confissão). Uma ulterior confirmação dessa interpretação, isto é, de que as potências já confessaram o senhorio de Jesus Cristo, é a troca do tempo verbal, nos vv. 10-11, em relação aos verbos futuros de Isaías 45,23.

²² Idem, p. 227.

O hino termina com a doxologia *para a glória de Deus Pai*. O senhorio de Jesus Cristo está direcionado, em última análise, à glória de Deus Pai. Esta doxologia, talvez um acréscimo paulino ao hino pré-paulino, está em linha com a escatologia expressa na Primeira Coríntios 15,24: *E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado e toda potestade e poder.*

1.1 Caráter pré-paulino do Hino

Mencionei no precedente parágrafo que talvez a doxologia presente no v. 11 seja *um acréscimo paulino ao hino pré-paulino*. Naturalmente, afirmar a probabilidade que o hino de Fl 2, 6-11 seja de origem pré-paulina exige posterior argumentação. Apresento, em seguida, algumas motivações em mérito.

Os principais argumentos que levam a crer que não tenha sido Paulo a compor o presente hino cristológico são sobretudo de ordem lingüística e teológica.²³

²³ Para quanto segue, idem, pp. 229-232.

Do ponto de vista da língua empregada no hino, é considerado não paulino. Não, porém, pela presença de alguns *hapax legomena*, plenamente justificados em um contexto solene como o deste hino, onde o autor é levado a empregar termos particulares que sublinhem quanto quer expressar. As diferenças lingüísticas estão presentes especialmente no momento em que é expressa a cristologia, de modo diferente de quanto faria Paulo. O hino, no v. 6, apresenta o Cristo pree-

xistente *en morphē[i] Theoû* (na forma divina) e *ísa Theō[i]* (igual a Deus), enquanto Paulo sublinha sempre a preeminência do Pai em relação a Cristo. Além disso, no epistolário paulino Jesus não é apresentado nunca como *doúlos* (servo) e o conceito da exaltação do Cristo, comum no quarto Evangelho, não o é em Paulo. Por fim, não há menção em outro lugar de um dom com o qual o Pai agracia o filho (*ho Theós... echarísato autō[i]*, v. 9) nem em relação à divisão tripartite do mundo, presente no v. 10.

Do ponto de vista teológico, a especificação *thanátou de stauroû* (morte de cruz) é considerada um acréscimo paulino ao hino, com o qual o apóstolo acrescenta um detalhe importante em sua teologia da cruz-ressurreição, mas diferente da teologia do hino, onde prevalece, ao invés, o conceito humilhação-exaltação, onde a humilhação, além de tudo, volta atrás até o preexistente. Além disso, é muito estranho que, neste contexto, Paulo tivesse deixado de lado o conceito soteriológico a ele comum da morte de Jesus *hupèr hēmōn* (por nós). De fato, não há nenhuma menção no hino da comunidade a ser salva.

Creio que estes argumentos sejam suficientes para considerar Fil 2,6-11 como um hino pré-paulino. Resta, como é natural, tentar descobrir as influências presentes na composição deste hino. Passo, pois, a este ponto ulterior.

1.2 - Influências presentes em Fil 2,6-11

Estudar em profundidade o tema das influências presentes no hino pré-paulino de Fil 2,6-11 não é uma empresa fácil. Além do conhecimento da teologia paulina, é preciso um sólido conhecimento do AT, bem como se faz necessário navegar no âmbito da história das religiões. Nesse sentido, como dizia Bernardo de Chartres (filósofo francês do Século XII), como *anões sobre os ombros de gigantes*.

Joachim Gnilka,²⁴ em um *excursus* de seu comentário à carta aos Filipenses, apresenta o *status quaestionis*. Sua conclusão, após debater as hipóteses de diferentes autores, em resumo, é a seguinte: ele concorda com E. Schweizer²⁵ segundo o qual a orientação geral do hino, com seu esquema humilhação-exaltação, deva ser buscada em um amplo horizonte veterotestamentário, especialmente no âmbito da literatura sapiencial. A obediência de Jesus é a do justo do AT, embora o judaísmo não fale de *servo* em sentido absoluto. A origem da concepção do existir em forma divina e em forma de servo deve ser buscada lá onde Israel esteve

²⁴ Idem, pp. 239-252.

²⁵ Cf. E. SCHWEIZER, *Erniedrigung und Erhöhung bei Jesus und seinen Nachfolgern*, op. cit.

diante de Deus como servo. A partir daí, a comunidade cristã estendeu a cristologia desde a cruz até a figura do preexistente. A exaltação, que segue à obediência prestada, é o sim de Deus como prêmio por essa obediência. Nesse sentido é sublinhada a atitude de Jesus como exemplo para o agir do discípulo. Nesse âmbito explica-se também a relação do hino com o Servo de Jahvé, sem contudo fazer depender Fl 2,6-11 de Is 53. Simplesmente, como no caso de Is 53, também no hino estão presentes expressões clássicas como *humilhou-se, tornou-se obediente e foi exaltado por Deus*.

Todavia, Gnilka nota que a obediência presente no hino é diferente da obediência veterotestamentária. A humilhação coloca-se no sentido do obediente reconhecimento da condição humana em sua contingência. D'outro lado, se a influência do AT se faz sentir na questão da exaltação que segue a humilhação, a ascensão daquele que venceu as potências não é um tema bíblico.

Nesse sentido, para além da literatura sapiencial bíblica, é necessário avançar para estabelecer toda a gama de influências que levaram à redação desse hino pré-paulino. Gnilka, especialmente para os vv. 6-7, acredita que estas influências podem ser encontradas no tratado hermético *Poimandres*, no *Hino da Pérola* dos Atos sirianos de Tomás, e na sétima das *Odes de Salomão*. No primeiro está presente o paralelo mais próximo encontrado em relação à terminologia *forma divina e igual a Deus* (cf. v.6); nos outros dois há um estreito paralelo com o tema da descida do preexistente (cf. v.7). A partir dessas influências, estaríamos diante do mais antigo enunciado da preexistência de Cristo presente no NT.

Como podemos perceber, e é esta a conclusão do *status quaestionis*, no hino estão presentes e sintetizados em modo eficaz seja elementos judeu-cristãos que étnico-cristãos. Nessa linha temos já uma pista para entender a composição da comunidade compositora, mas nesse ponto na queremos ir além.

Em um amplo estudo sobre a teologia do apóstolo Paulo, James Dunn²⁶ coloca-se em outra direção. Para ele a cristologia presente no hino da carta aos Filipenses reflete uma cristologia adâmica. Ele não procura correspondências terminológicas exatas, afirmando que esse tipo de busca está presente em um certo tipo de exegese que batiza de *exegese ou isto ou aquilo*. Em modo contrário, faz-se necessária uma compreensão mais profunda da linguagem poética, e Fl 2,6-11 usa esse tipo de linguagem. As alusões, muito presentes na poesia, pela sua própria natureza não

²⁶ Cf. J. D. G. DUNN, *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo, Paulus, 2003, pp. 331-339.

são explícitas. Embora a figura de Adão esteja por trás de grande parte da teologização de Paulo, não obrigatoriamente ele, para aludir a Adão, usa os exatos termos presentes no livro do Gênesis. Quanto ao aspecto do caráter pré-paulino do hino, Dunn não lhe dá grande importância, considerando que Paulo, em última análise, o integra na sua linha teológica.

Dunn apresenta quatro pontos fundamentais para embasar sua tese da presença, em Fl 2,6-11, da cristologia adâmica: 1º) A *morfē[i]* (forma) de 2,6a corresponde à *eikōn* (imagem) de Gn 1,17, dentro da compreensão que a alusão poética não exige um idêntico uso terminológico; 2º) O verbo *harpagmós* de 2,7b corresponde a uma atitude contrária de Cristo Jesus em relação ao querer agarrar algo, em contraste com a proposta de Gn 3,5: *sereis como Deus*; 3º) Nessa mesma linha encontra-se o esvaziamento de Cristo Jesus (assumindo a forma de servo), diverso do desejo adâmico de ser como Deus (cf. também Gn 3,5); 4º) Enquanto poderia ser objetado que 2,9-11 não se enquadra na cristologia adâmica, pela presença do conceito de *exaltação*, Dunn afirma seu paralelismo com 1Cor 15,24-28, onde está presente o conceito de *exaltação* e que, por sua vez, continua a reflexão dos versículos precedentes, isto é, 1Cor 15,21-22, onde é sublinhada a cristologia adâmica.

Ao final de sua argumentação o autor afirma: *Dado o número e a seqüência de alusões, poderíamos dizer que o hino de Filipenses é, depois de Hb 2,5-9, a mais completa expressão da cristologia adâmica do NT.*²⁷ Em relação a questão da preexistência, Dunn, em última análise, crê que o uso da metáfora de Adão para apresentar Cristo permitiu, como desdobramento, que fosse usada uma linguagem em princípio surpreendente, isto é, a da preexistência.

Como podemos notar, limitei-me, na apresentação precedente, a propor duas linhas de pensamento em relação às influências presentes em Fl 2,6-11. Um estudo exaustivo exigiria, naturalmente, muito mais, mas este não é o objetivo deste estudo. Passo, pois, a um ulterior aspecto, isto é, a reflexão teológico-bíblica já anunciada.

2. O CONSIDERAR DE CRISTO JESUS E DE PAULO COMO PROPOSTA PARA O AGIR – O CONSIDERAR – DO CRISTÃO

Gostaria de apresentar, em seguida, a importância do verbo *hēgéomai*, utilizado em diferentes blocos literários da carta aos Filipenses, para que possamos entender me-

²⁷ Idem, p. 337.

lhor o tipo de exemplo dado por Cristo Jesus, seguido por Paulo e apresentado para o agir de quem aderiu a fé anunciada pelo apóstolo dos gentios.

2.1 - O verbo *hēgéomai*

O verbo *hēgéomai* é utilizado 28x no NT. Seus dois significados são *conduzir* e *considerar*. Com a acepção *conduzir* está presente 8x, sempre em formas participiais (Mt 2,6; Lc 22,26; At 7,10;14,12;15,22; Hb13,17[2x].24), referindo-se a quem conduz como chefe, guia, homem eminente. Trata-se do *hēgoúmenos!* As restantes 20 presenças trazem o significado *considerar* (At 26,2; 2Cor 9,5; Fl 2,3.6.25; 3,7.8[2x]; 1Ts 5,13; 2Ts 3,15; 1Tm 1,12; 6,1; Hb 10,29;11,11.26; Tg 1,2; 2Pd 1,13; 2,13; 3,9.15). Entre os livros do NT a Carta aos Filipenses (6x); a Carta aos Hebreus (6x), a segunda Carta de Pedro (4x) e a Obra Lucana (1x em Lc e 4x em At) utilizam particularmente esse verbo.

Como podemos perceber, o verbo *hēgéomai* está particularmente presente na Carta aos Filipenses. Nas cartas proto-paulinas é usado pelo mesmo Paulo em apenas outras duas ocasiões, em 2Cor 9,5 e 1Ts 5,13. Gostaria, portanto, em seguida, de refletir sobre o uso paulino desse verbo, na presente carta.

Embora haja discussão entre os exegetas sobre a unidade da Carta aos Filipenses, no sentido de que, a partir de indícios literários, poder-se-ia talvez reconhecer no presente escrito duas ou três cartas, suturadas posteriormente por um redator, resultando na nossa atual carta aos Filipenses,²⁸ na reflexão que segue consideraremos o escrito em sua unidade. Nesse sentido, gostaria de apresentar o parecer de Gerald Hawthorne, tecido após analisar a questão da unidade da carta aos Filipenses: *não há nenhuma razão irresistível para duvidar que Filipenses tenha saído diretamente de Paulo como uma única carta, e não como diversas cartas mais tarde transformadas em uma só por algum redator anônimo.*²⁹ Em vista dessa conclusão ele é taxativo em afirmar que os intérpretes devem considerar a carta em modo unificado. Concordando com esse ponto de vista, passo para a reflexão seguinte. A reflexão teológico-bíblica que farei, de fato, exige considerar a carta como um todo unificado.

²⁸ Cf. G. BARBAGLIO, *As cartas de Paulo* (II). São Paulo, Loyola, 1991, pp. 355-57.

²⁹ Cf. G. F. HAWTHORNE, *Carta aos Filipenses*. In G. F. HAWTHORNE, R. P. MARTIN, D. G. REID, (Eds.), *Dicionário de Paulo e suas cartas*. São Paulo, Vida Nova, Paulus e Loyola, 2008, p. 559.

2.2 - Reflexão teológico-bíblica

2.2.1 - O *considerar* de Cristo Jesus

No v. 6, isto é, no início do hino cristológico, lemos que Cristo Jesus *existindo em forma divina, não considerou* (*hēgéomai*, no tempo aoristo) *uma usurpação o ser igual a Deus*. Cristo Jesus optou a partir de uma realidade que lhe é constitutiva. A forma divina, de fato, não é uma sua conquista; ele simplesmente a possui, existe em forma divina e, mesmo assumindo a forma de servo, não deixou de existir em forma divina. O hino, para falar desse evento, utiliza dois verbos: *esvaziou-se* e *humilhou-se*. No nosso modo corriqueiro de expressão diríamos que ele desceu na *escala social*, e profundamente. É preciso sublinhar com força, todavia, como já dizia, que o *assumir a forma de servo*, que implicou uma atitude de profundo esvaziamento e humilhação, não comportou que Cristo Jesus perdesse a sua forma divina. Isso nem seria possível! Ninguém pode deixar de ser aquilo que constitutivamente é. Trata-se, portanto, de uma atitude positiva, de uma opção! Nesse sentido, assume uma particular importância e exemplaridade o modo de *considerar* de Cristo Jesus.

Seria necessária uma leitura ampla do epistolário paulino para examinar a dimensão salvífica atribuída por Paulo à trajetória do Cristo Jesus. No percurso teológico que estou realizando, todavia, gostaria de concentrar-me apenas na exemplaridade do *seu considerar*. O *esvaziar-se*, o *humilhar-se*, no *considerar* comum dos seres humanos, significa perder. No *considerar* de Cristo Jesus, ao invés, em última análise, significa ganhar. Em nenhum momento ele, assumindo a forma de servo, deixou de existir em forma divina. Não obstante, a opção por assumir a forma de servo implicou um profundo esvaziamento e humilhação, que podemos expressar falando de grande sacrifício e renúncia. No entanto, assim, ele ensinou a via por excelência de acesso ao Pai. O *considerar* de Cristo Jesus indica aos seres humanos que o caminho do esvaziamento e da humilhação, embora seja aquele que mais custa, é o que permite a verdadeira exaltação, entendida no sentido do caminho rumo ao Pai em sua glória. A tradição sinótica, no *lógion* originário da hipotética Fonte Q proclama, de fato: *Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado* (Mt 23,12, cf. Lc 14,11;18,14)!

Recentemente, Raniero Cantalamessa realizou uma reflexão análoga, embora tenha focalizado particularmente o

evento na morte-ressurreição de Jesus. Vejamo-la antes de passar ao considerar de Paulo:

Com sua morte, Cristo não somente venceu o pecado, mas também deu um sentido novo ao sofrimento, também àquele que não depende do pecado de ninguém. (...) É uma experiência humana universal: nesta vida prazer e dor se sucedem com a mesma regularidade com que ao elevar-se de uma onda no mar, segue uma depressão e um vazio que suga o naufrago. Algo amargo – escreveu o poeta pagão Lucrecio – surge do próprio íntimo de cada prazer e nos angustia em meio às delícias. O uso da droga, o abuso do sexo, a violência homicida, sobre o momento dão a embriaguez do prazer, mas conduzem à dissolução moral, e muitas vezes também física, da pessoa. Cristo, com sua paixão e morte, rebateu a relação entre prazer e dor. Ele, em troca da alegria que lhe era dada antes, se submete à cruz (Hb 12,2). Não mais um prazer que termina em sofrimento, mas um sofrimento que leva à vida e à alegria. Não se trata somente de um diverso suceder-se das duas coisas; é a alegria, deste modo, a ter a última palavra, não o sofrimento, e uma alegria que durará eternamente. Cristo ressuscitado dos mortos não morre mais; a morte não tem poder sobre ele (Rm 6,9). (...) Cristo não veio, portanto, para aumentar o sofrimento humano ou a pregar a resignação em relação a ele; veio para dar-lhe um sentido e anunciar o fim e a superação.⁵⁰

2.2.2- O considerar de Paulo

Por sua vez, Paulo também realiza uma experiência similar a de Cristo Jesus, no sentido do esvaziamento voluntário. Nos vv. 7-8 do capítulo terceiro encontramos mais 3x o verbo *hēgēomai* (no v. 7 no indicativo perfeito, apresentando a opção feita no passado cujos efeitos estão presentes, confirmada pelos dois indicativos no presente do v. 8). Paulo, diante da notícia que missionários judaizantes chegaram à comunidade de Filipos, pregando uma adesão diferente ao Evangelho daquela anunciada por ele, marcada pela liberdade em face à Lei judaica, afirma que também ele, e ainda mais que os judaizantes, se fosse o caso, poderia orgulhar-se

⁵⁰ <http://www.cantalamessa.org/pt/predicheView.php?id=304>, consultado em 14 de junho de 2009.

³¹ Causa de prejuízo nos negócios. Cf. F. RIENECKER, C. ROGERS, *Chave lingüística do Novo Testamento grego*. São Paulo, Vida Nova, 1995, p. 412.

³² *Refugo, esterco. Refere-se ou ao excremento humano, a porção do alimento rejeitada pelo organismo como não nutritiva, ou ao lixo ou restos de uma festa, a comida que cai da mesa*. Idem, p. 413. O substantivo é um *hapax legomena*.

³³ Em 2,25 também é usado o verbo *hēgēomai*, mas esse uso não reveste particular importância para o percurso que está sendo realizado.

de suas prerrogativas judaicas, e vos vv. 5-6 enumera sete motivos de orgulho nessa direção. Tudo isso, porém, diante da *excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor* (é a única vez em seu epistolário que Paulo usa o pronome possessivo de primeira pessoa nesse modo) ele *considerou* como perda (*zēmía* – 1x no v.7; 1x no v. 8 + 1x o verbo *zēmiōō*)³¹ e como lixo (*skúbalon* no plural, usado 1x no v. 8).³² Paulo utiliza esses termos fortes em contexto polêmico. Olhando o epistolário paulino como um todo, podemos dizer que ele não considera a pertença ao povo judeu como motivo de prejuízo ou como algo digno apenas da lixeira (em Romanos 9, 4-5, por exemplo, apresenta em modo eloqüente os privilégios de um israelita). Repito, ele se expressa em um contexto polêmico em relação àqueles que no v. 2 chama de cães, maus operários e falsos circuncidados, e no v. 18 de inimigos da cruz de Cristo. Todavia, expressa-se com estas palavras também diante da excelência do ganho, isto é, do conhecer o Senhor (*meu Senhor*). Seja como for, tudo isso implicou uma atitude de profundo esvaziamento por parte do apóstolo, embora ele não use esta palavra, mas insista naquilo que ganhou, isto é, Cristo (v. 8).

O paralelo que estamos realizando, quero lembrar, é em relação ao *considerar*, antes de Cristo Jesus e agora de Paulo. Ambos não hesitam em esvaziar-se de algo de grande valor, em nome de algo deveras importante. O hino cristológico exprime o resultado da *kénōsis* de Cristo em termos de exaltação. No caso do Paulo, seria impróprio falar em exaltação; o apóstolo, todavia, fala da esperança (cf. v. 11) e do grande prêmio que espera pela sua corrida (cf. v. 14): a ressurreição dentre os mortos (cf. v. 11). Por fim, a experiência vivida por ele o leva a querer anuncia-la aos Filipenses, de modo que eles também possam realizá-la. Nesse sentido, Paulo não tem medo de convidar: *Sede meus imitadores, irmãos, e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós* (3,17).

2.2.3 – Conclusão: exortação para o *considerar* do cristão

Para concluir o percurso teológico-bíblico seguindo o verbo *hēgēomai* na carta aos Filipenses, é preciso dar um passo atrás até os versículos que preparam o hino cristológico (2,1-4).³³ Ali, no v. 3, o apóstolo aconselha aos Filipenses o modo correto de *considerar*. Usando um particípio presente, que indica não uma atitude momentânea, mas um modo habitual de considerar, Paulo exorta: *Nada façais por partidatismo ou vanglória, mas com humildade, considerando cada*

um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros (2, 3-4).

Segundo a minha interpretação, após o percurso realizado nessas páginas podemos colher uma indicação de grande valor para o agir do cristão, e por isso quis realizar esse percurso teológico. Paulo aconselha os seguidores de Cristo Jesus, segundo o exemplo do Senhor e dele mesmo, a um esvaziamento diante daquilo que a pessoa é: Cristo Jesus é de condição divina, Paulo é um judeu com prerrogativas invejáveis, e o cristão Filipense, que título de orgulho tem? Cada um deverá responder. Ora, segundo o exemplo de Cristo Jesus e de Paulo, ele é convidado a esvaziar-se disso. Todavia, o aspecto a ser sublinhado é que esse esvaziamento, na realidade, não leva a pessoa a deixar de ser o que ela constitutivamente é. Cristo Jesus não deixou de existir em forma divina pelo fato de assumir a forma humana; Paulo não deixou de pertencer ao povo eleito. Assim, a exortação a considerar os outros *superiores a si mesmo*, na realidade, não obstante todo o sacrifício - esvaziamento - que exige, não desfigura a pessoa. Aquilo que ela já possuía de positivo não é perdido. Pelo contrário, dois são os resultados: o primeiro é o permitir que o outro cresça, no momento em que é colocado em condições de fazê-lo pela atitude fraterna do esvaziamento do interlocutor; o segundo é que, no final, a pessoa termina por sentir-se, não diminuída pelo ter-se esvaziado de seus interesses em nome do outro, mas realizada, verdadeiramente realizada: *Há mais felicidade em dar do que em receber!* (cf. Atos 20,35) exclama Paulo aos anciãos de Éfeso, no discurso de despedida em Mileto, referindo-se a uma frase de Jesus não reportada pela tradição evangélica.

Indicando esse modo de *considerar*, em nenhum momento Paulo fala de um percurso fácil. Aponta, porém, a excelência de sua recompensa. Não é sem motivo que na carta aos Filipenses, em meio às dificuldades, o apóstolo insiste na alegria (*chará* - 4x) e no alegrar-se (*chaírō* - 11x). Nesse sentido, o exemplo do *considerar* de Cristo Jesus e dele próprio servem como exemplo e encorajamento. Diante da consciência da perenidade da Palavra de Deus, esse percurso e modo de considerar, hoje, é proposto a cada um daqueles que, passados muitos séculos, dobram o joelho e confessam o senhorio de Cristo Jesus, para a glória de Deus Pai.